

"AS BARRICADAS DEVEM SER REMOVIDAS": O FASCISMO DE MOSCOU NA ESPANHA¹

Paul Mattick

Em 17 de março de 1937, a CNT-FAI² de Barcelona emitiu a seguinte ordem:

As barricadas devem ser removidas! A crise passou. Agora, é necessário restabelecer a calma. Mas, têm circulado rumores pela cidade que contradizem nossos informes da urgência de uma volta à normalidade, tal qual esta que estamos emitindo. As barricadas estão contribuindo para que tal confusão permaneça. Já não necessitamos de barricadas, agora que a luta está acabando. As barricadas não tem mais lugar agora, e sua continuação pode dar a impressão de que desejamos retornar ao anterior estado de coisas – e isto não é verdade. Camaradas, cooperemos com o total restabelecimento da vida civil normal. Tudo o que a impede de voltar à normalidade, deve desaparecer.

E então, a vida normal recomeçou, ou seja, o terror dos fascistas de Moscou. O assassinato e prisão dos operários revolucionários, o desarmamento das forças revolucionárias, o silenciamento de seus jornais, emissoras de rádio e a eliminação de todos os postos alcançados anteriormente. A contrarrevolução triunfa na Catalunha, onde, como asseguravam os líderes anarquistas e do POUM³, se avançava para o Socialismo. As forças contrarrevolucionárias da Frente Popular⁴ foram bem acolhidas por líderes anarquistas. As vítimas exaltavam seus carrascos.

Lemos em um boletim da CNT-FAI

Quando houve uma tentativa de encontrar uma solução e restabelecer a ordem em Barcelona, a CNT e a FAI foram as primeiras a oferecer sua colaboração, foram as primeiras a pedir um cessar fogo e buscar a pacificação de Barcelona. Quando o Governo Central assumiu a ordem pública, a CNT estava entre as primeiras organizações que colocou à disposição da ordem pública todas as forças sob seu controle. Quando o Governo Central decidiu enviar forças armadas a Barcelona, com o objetivo de controlar as forças políticas que não obedeciam às autoridades públicas, a CNT foi uma vez mais a única a ordenar a todos os distritos para facilitar

¹ Tradução de Lucas Maia. Revisão de Rubens Vinícius da Silva. Traduzido e revisado a partir da versão espanhola feita pelo Círculo Internacional de Comunistas Antibolcheviques – CICA. O texto de Paul Mattick foi publicado originalmente em agosto de 1937 na *Revista Internacional Council Correspondence*. (N.T.)

² Confederação Nacional do Trabalho – CNT; Federação Anarquista Ibérica – FAI. Organizações anarcossindicalistas da Espanha que tiveram grande importância nos acontecimentos da Guerra Civil Espanhola. (N.T.)

³ Partido Operário de Unificação Marxista - POUM. Partido bolchevista, de orientação trotskysta, fundado em 1935. Teve grande significado nos rumos da Guerra Civil Espanhola e na composição da Frente Popular. (N.T.)

⁴ A Frente Popular constituía-se de organizações de várias orientações políticas (bolchevistas, socialdemocratas, liberais e da qual anarquistas também fizeram parte) que combateu o governo franquista. Tratava-se, portanto, de uma Frente de caráter reformista, cujo principal inimigo era o governo de Franco e não o capitalismo. (N.T.)

a passagem daquelas forças, para que pudessem chegar a Barcelona e restabelecer a ordem.

Sim, a CNT fez todo o possível para ajudar a contrarrevolução do Governo de Valencia em Barcelona. Os operários presos podem agradecer aos seus líderes anarquistas pelo seu encarceramento, que conduz aos pelotões de fuzilamento dos fascistas de Moscou. Os operários mortos são separados em meio às barricadas; são silenciados para que seus líderes possam continuar falando. Que excitação por parte dos neobolcheviques! “Moscou assassinou trabalhadores revolucionários”, gritaram. “Pela primeira vez em sua história, a Terceira Internacional está disparando a partir do outro lado das barricadas. Antes, havia traído somente a causa, porém, agora está abertamente combatendo contra o comunismo”. E que esperavam da Rússia capitalista de estado e de sua Legião Estrangeira de falastrões raivosos? Ajuda para os trabalhadores espanhóis? O capitalismo, em todas as suas formas, tem somente uma resposta para os trabalhadores que se opõem à exploração: a morte. Uma frente unida entre socialistas e “comunistas” de partido é uma frente unida com o capitalismo, que só pode ser uma frente unida pelo capitalismo. É inútil reclamar de Moscou. Não tem sentido criticar os socialistas: ambos devem ser combatidos até o fim⁵.

Porém, agora, os trabalhadores revolucionários da Espanha devem reconhecer também que os líderes anarquistas, que também os “apparatchiks”⁶ da CNT-FAI se opõem aos interesses dos trabalhadores, pertencem ao campo inimigo. Unidos ao capitalismo, tinham que servir ao capitalismo; e onde as palavras não valem mais nada, a traição se converteu na ordem do dia. Amanhã, podem ser eles que dispararão contra os

⁵ Uma nota aqui ajuda a esclarecer os termos utilizado por Paul Mattick. Utiliza as expressões neobolcheviques, “comunistas” de partido e socialistas como sendo inimigos da revolução e dos trabalhadores insurgentes. Esta postura do autor está relacionada com as tendências políticas que combatiam entre si. Estes termos expressam a ala reformista, embora em seus discursos, diziam o contrário. A Terceira Internacional, chefiada pelo Partido Comunista Russo, dava a linha política de quase todos os partidos bolcheviques no período. Assim, Mattick, ao identificar tais grupos políticos, está na verdade salientando aqueles que combatem contra o capitalismo (que efetivamente lutam pela autogestão social) e aqueles que somente querem combater um tipo de capitalismo (a ditadura franquista), visando reforma-lo, para estabelecer em seu lugar uma democracia liberal capitalista um capitalismo estatal aos moldes da União Soviética. (N.T.)

⁶ Termo coloquial russo para se referir aos funcionários do Partido Comunista Russo. (N.T.)

trabalhadores rebeldes, tal como dispararam hoje os carrascos “comunistas” do quartel “Karl Marx. A contrarrevolução se estende de Franco a Santillán⁷.

Uma vez mais, os trabalhadores revolucionários denunciam a covardia de seus líderes e buscam novos e melhores líderes para uma organização melhorada. Os “Amigos de Durruti” rompem com os líderes corruptos da CNT-FAI, afim de restaurar o anarquismo original, para salvaguardar o ideal e manter a tradição revolucionária. Aprendeu algo, porém, não o suficiente. Os operários do POUM estão profundamente decepcionados com Gorkin⁸, Nin⁹ e companhia. Esses leninistas não foram suficientemente leninistas e os membros do partido buscam melhores Lênins. Aprenderam, porém muito pouco. A tradição do passado pesa como uma laje sobre seu colo. Uma mudança de homens e uma revitalização da organização não são o bastante. Uma revolução comunista não é feita pelos líderes e organizações; mas sim, pelos próprios trabalhadores, a classe. Uma vez mais, os trabalhadores esperam as mudanças na Frente Popular, para que possam levar o movimento a dar uma guinada revolucionária. Largo Caballero¹⁰, descartado por Moscou, pode agora dar as costas aos membros da UGT, os quais aprenderam e viram a luz. Moscou, decepcionada por não encontrar ajuda apropriada das nações democráticas, pode tornar-se outra vez radical. Tudo isto não tem nenhum sentido! As forças da “Frente Popular”, Largo Caballero e Moscou são incapazes, mesmo que quisessem, de derrotar o capitalismo na Espanha. As forças capitalistas não podem ter uma política socialista. A Frente Popular não é um mal menor para os trabalhadores, é, na verdade, outra forma da ditadura capitalista que se soma ao fascismo. Por conseguinte, a luta deve ser contra o capitalismo em sua totalidade, logo, contra todas as forças políticas que o representam.

A atitude atual da CNT não é nova. Há poucos meses o presidente catalão, Companys, disse que a CNT: “não tem a intenção de prejudicar o regime democrático na

⁷ Diego Abad de Santillán, militante anarquista que, embora tenha feito críticas, manteve-se entre dezembro de 1936 e abril de 1937 como membro do governo catalão, no cargo de conselheiro de economia da província. (N.T.)

⁸ Julián Gorkin, jornalista e dirigente do POUM. (N.T.)

⁹ Andreu Nin, fundador e dirigente do POUM. (N.T.)

¹⁰ Francisco Largo Caballero foi fundador do partido socialista e secretário geral da UGT (União Geral dos Trabalhadores, central sindical que era correia de transmissão do bolchevismo stalinista durante a Guerra Civil) de 1918 a 1938. (N.T.)

Espanha, mas sim, manter a legalidade e a ordem”. Como as outras organizações antifascistas espanholas, a CNT, não obstante sua fraseologia radical, limitou sua luta à guerra contra Franco. O programa de coletivização, em parte realizado pelas necessidades da guerra, não prejudica os princípios capitalistas ou o capitalismo enquanto tal. No que diz respeito ao objetivo final declarado pela CNT, lembra, em certa medida, uma forma modificada de capitalismo de estado, na qual a burocracia sindical e seus filósofos amigos anarquistas teriam o poder. Porém, até mesmo esse objetivo, seria para um futuro distante. Não se deu nenhum passo real nesta direção, pois um passo real, inclusive para um sistema de capitalismo de estado, significaria o fim da Frente Popular, significaria as barricadas na Catalunha e uma guerra civil no seio da guerra civil.

Os anarquistas explicam a contradição entre sua “teoria” e sua “prática” à maneira dos farsantes: “a teoria é uma coisa e a prática outra. E a segunda nunca é tão harmônica como a primeira”. A CNT se deu conta de que não tinha um plano real de reconstrução da sociedade. Deu-se conta, também, de que não tinha as massas espanholas atrás dela, mas somente uma parte dos trabalhadores, em uma parte do país. Deu-se conta de sua debilidade nacional e internacional e suas frases radicais destinavam-se muito mais a ocultar a total debilidade do movimento nas condições criadas pela guerra civil.

Há muitas explicações possíveis para esta posição adotada pelos anarquistas. Porém, não há nenhuma para seu programa de falsificação, que obscureceu o movimento operário e favoreceu os fascistas de Moscou. Tentando fazer acreditar que o socialismo estava funcionando na Catalunha e que ele era possível sem romper com o Governo da Frente Popular, demonstravam até que ponto o fortalecimento da Frente Popular era capaz de cumprir suas promessas aos trabalhadores anarquistas espanhóis. O anarquismo na Espanha aceitava uma forma de fascismo, disfarçado como movimento democrático, para ajudar a esmagar o fascismo franquista. Não é certo, como os anarquistas atualmente tentam fazer seus seguidores acreditar, que não havia outra alternativa e que, por isso, qualquer crítica à CNT é injustificada. Os anarquistas, que tentaram, depois de 19 de julho de 1936, estabelecer o poder dos trabalhadores na Catalunha, também poderiam ter tentado esmagar as forças do Governo em Barcelona em maio de 1937. Poderiam ter marchado tanto contra os fascistas franquistas, como contra os fascistas de Moscou. Muito provavelmente teriam sido derrotados: possivelmente Franco teria vencido e destroçaria

os anarquistas, assim como seus adversários da “Frente Popular”. Contudo, pode ser que uma aberta intervenção dos capitalistas houvesse se produzido. Porém, teria também outra possibilidade, ainda que menos provável: os operários franceses poderiam ter ido além da mera declaração de greve. Sua intervenção poderia ter levado a uma guerra na qual todas as potências se vissem envolvidas. A luta tomaria, de uma vez por todas, uma clara oposição entre Capitalismo e Comunismo. Qualquer direção que tivesse tomado os acontecimentos, uma coisa é certa: as caóticas condições do mundo capitalista se tornariam ainda mais caóticas. E sem catástrofes, nenhuma revolução é possível. Qualquer ataque real contra o sistema capitalista¹¹ aceleraria uma reação, porém a reação se produzirá de qualquer forma, mesmo que com algum atraso. Este atraso custará mais vidas operárias que qualquer outro intento prematuro para acabar definitivamente com o sistema de exploração. Porém, um ataque real contra o capitalismo poderia criar as condições mais favoráveis para a ação internacional por parte da classe operária. De outro modo, poderia ter levado a uma situação na qual todas as contradições capitalistas se agudizassem e, desse modo, acelerar o desenvolvimento histórico que conduz à destruição do modo de produção capitalista. No princípio está a ação. Porém, a CNT nos diz que se sentiu demasiado responsável pela vida dos trabalhadores. Quis evitar um banho de sangue desnecessário. Que cinismo! Mais de um milhão de pessoas foram mortas na guerra civil. Se, de todo modo, há de se morrer, que pelo menos seja por uma causa que valha a pena.

A luta contra o capitalismo, essa luta que a CNT queria evitar, é inevitável. A revolução operária deve ser radical desde o começo, ou se perderá. Era necessária a total expropriação das classes proprietárias, a eliminação de todo poder que não fosse o dos trabalhadores armados, e a luta contra os elementos opositores. Ao não fazer isto, as Jornadas de Maio em Barcelona e a eliminação dos elementos revolucionários na Espanha eram inevitáveis. A CNT não se colocou nunca a questão da revolução do ponto de vista da classe operária. Sua principal preocupação sempre foi a organização. Intervinha em favor

¹¹ Paul Mattick utiliza o termo “sistema” de modo inapropriado e em desacordo com a teoria marxista do capitalismo. É mais correto falar em modo de produção capitalista, pois tal terminologia faz parte do léxico do marxismo e expressa de modo mais adequado o fenômeno que se está a analisar. O uso da expressão “sistema” remete a ideologias burguesas (funcionalismo, estruturalismo etc.). Aqui mantivemos os termos utilizados por ele, mas ressaltando com esta nota os problemas a isto pertinentes. (N.T.)

dos trabalhadores e com a ajuda dos trabalhadores. Porém, não estava interessada na iniciativa autônoma e na ação dos trabalhadores independentes de interesses organizativos. O que contava não era a revolução, mas sim a CNT. E a partir do ponto de vista dos interesses da CNT, os anarquistas tinham que distinguir entre fascismo e capitalismo, entre guerra e paz. Partindo deste ponto de vista, viu-se obrigada a participar em políticas nacional-capitalistas e teve que pedir aos trabalhadores que colaborassem com um inimigo com o fim de esmagar o outro, a fim de mais tarde esmagar o primeiro.

As palavras radicais dos anarquistas não eram pronunciadas para que fossem seguidas; simplesmente serviam como um instrumento para controlar a classe operária por meio do aparato da CNT: “sem a CNT”, escreviam orgulhosos, “a Espanha antifascista seria ingovernável”. Queriam participar do governo, logo, da dominação dos trabalhadores. Só pediam sua parte no espólio, uma vez que reconheceram que não podiam obtê-lo inteiramente para eles próprios. Tal como os bolcheviques, identificaram suas próprias necessidades organizativas com as necessidades e interesses da classe trabalhadora. O que decidiam era o correto, não havia necessidade de que os trabalhadores pensassem e decidissem por si mesmos, pois, defendiam, isto só contribuiria para perturbar a luta e criar confusão. Os trabalhadores simplesmente tinham que seguir seus salvadores. Não houve nenhum intento concreto de organizar e consolidar o poder real da classe operária. A CNT discursava como anarcossindicalista e operava concretamente como bolchevique, ou seja, como capitalista. Com o fim de dirigir, ou de participar da direção, tinha de se opor a qualquer iniciativa autônoma dos trabalhadores e assim teve que apoiar a legalidade, a ordem e o Governo.

Porém, outras organizações estavam presentes no conflito e não há identidade entre elas. Cada uma luta contra as outras pela supremacia e para obter o domínio exclusivo sobre os trabalhadores. A cota de poder que cada uma possa conseguir não acaba com a luta entre elas. Às vezes, todas as organizações se veem obrigadas a colaborar, mas isto é só uma maneira de postergar o ajuste de contas final. Um grupo deve ter o controle. Quanto mais os anarquistas iam de “êxito em êxito”, mais sua posição se afundava e se debilitava. A afirmação da CNT de que não queria impor-se às demais organizações, nem combatê-las, era na realidade uma desculpa para não ser atacada pelas outras, era o reconhecimento de sua debilidade. Ao estar comprometida na política

capitalista junto com seus aliados da Frente Popular, deixou às grandes massas a possibilidade de escolher seus representantes entre os elementos burgueses. O que mais oferecia, era o que maiores possibilidades tinha de vencer.

O fascismo de Moscou se tornou moda na Catalunha. As massas viram no apoio de Moscou a força necessária para livrar-se definitivamente de Franco e da guerra. Moscou e seu governo da Frente Popular significavam o apoio do capitalismo internacional. Moscou se tornou mais influente, pois as grandes massas da Espanha ainda estavam a favor de manter a sociedade de exploração. E as massas firmaram-se nesta atitude por que os anarquistas não fizeram nada para esclarecer a situação, quer dizer, mostrar que a ajuda de Moscou não significava mais que lutar por um capitalismo que agradava algumas potências capitalistas, ainda que contrariasse outras.

Os anarquistas se converteram em propagandistas da versão do fascismo de Moscou, em servidores dos interesses destes capitalistas que se opõem aos planos atuais de Franco na Espanha. A revolução converteu-se no terreno de jogo dos rivais imperialistas. As massas tinham que morrer sem saber por quem e para quê. A situação deixou de ser um assunto dos trabalhadores. E agora, também, deixou de ser um assunto da CNT. A guerra pode finalizar a qualquer momento mediante um acordo entre as potências imperialistas. Pode acabar com a vitória ou a derrota de Franco. Este pode abandonar a Itália e Alemanha e aliar-se com a França e Inglaterra, ou então aqueles países podem perder o interesse em apoiar Franco. A situação na Espanha pode ser decisivamente modificada pela guerra que se incuba no Extremo Oriente. Existem várias outras possibilidades que se somam a esta mais provável: a vitória do fascismo de Franco. Mas, aconteça o que acontecer, a menos que os trabalhadores não levantem novas barricadas também contra os “Legalistas”; a menos que não ataquem realmente o capitalismo (qualquer que seja o resultado da luta na Espanha) não terá um real significado para a classe operária, que continuará explorada e oprimida. Uma mudança na situação militar na Espanha poderia forçar uma vez mais o fascismo de Moscou a colocar o traje revolucionário. Porém, do ponto de vista dos interesses dos trabalhadores espanhóis, e igualmente dos trabalhadores de todo o mundo, não existe diferença entre o fascismo de Franco e o de Moscou, por muitas que sejam as diferenças entre Franco e Moscou. As barricadas, se forem erguidas outra vez, não devem ser removidas. A palavra de ordem revolucionária na Espanha é: “Abaixo aos fascistas e

aos Legalistas!”. Por inútil que possa resultar o intento de lutar pelo comunismo, dada a situação mundial atual, segue sendo o único caminho para os trabalhadores. “Mais vale seguir um caminho verdadeiro, ainda que aparentemente inútil, do que gastar as energias em falsos caminhos. Ao menos, preservaremos nosso compromisso com a verdade e com a razão a todo custo, ainda que seja ao custo de sua inutilidade”.